

Uma equipe heterodoxa para Biden

Por Rana Foroohar

Valor Econômico, 20.10.2020

Se eleito, democrata terá de superar uma divisão histórica

Faltam ainda duas semanas para as eleições presidenciais dos Estados Unidos, mas os democratas se sentem suficientemente otimistas para começar a falar de qual poderia ser a aparência de um gabinete de Joe Biden. Boa parte da conversa foi sobre diversidade de raça e de gênero. Mas os democratas deveriam dar igual atenção à diversidade econômica e política.

Isso porque o próximo presidente precisará de uma equipe altamente heterodoxa para enfrentar um problema muito complexo: como reduzir a distância histórica entre a sorte das companhias e a dos trabalhadores americanos.

Joe Biden está absolutamente certo em dizer que é preciso começar a recompensar “o trabalho, não a riqueza”. As mudanças necessárias para aprumar o barco não são pautadas pelo aperfeiçoamento gradual, e sim sistêmicas

Tornou-se quase um clichê discutir a cisão entre Wall Street, onde os preços dos ativos continuam próximos dos recordes de alta históricos, e a economia real dos EUA, onde a queda de 31% do PIB alcançou as dimensões da Crise de 1929 no segundo trimestre. Ao mesmo tempo, os números dolorosamente elevados do desemprego agregado mascaram níveis ainda mais dolorosos de desemprego que atingem determinados tipos de trabalhador.

Apesar de todos conseguirmos compreender os contornos básicos do problema, há dados novos e perturbadores que nos mostram o quanto os mercados financeiros se distanciaram do cidadão comum. Abordar esse afastamento exige repensar a política pública de quase todas as áreas de governo - desde o Tesouro e o Comércio até o Trabalho e a Educação.

Por exemplo, uma nova pesquisa, realizada por acadêmicos da Universidade Estadual de Ohio e da Universidade de Pittsburgh, mostra que as empresas com ações registradas em bolsa nos EUA estão, como grupo, contribuindo muito menos para os níveis de emprego ou para os níveis do PIB do que em qualquer outra época desde a década de 1970. Há muitos motivos para isso. Mas um ponto fundamental é o de que a sorte do país, de suas companhias e de seus trabalhadores estava muito mais interligada quando as maiores empresas com papéis negociados em bolsa operavam no setor industrial e de indústria de transformação do que em serviços, como operam atualmente.

Isso se tornou ainda mais verdadeiro com a mudança para uma economia de alta tecnologia. Apesar de a parcela das empresas de tecnologia, como percentual da capitalização de mercado, ser de 32,8% no fim de 2019 - crescendo para mais de 40% no segundo trimestre de 2020 -, essas empresas representavam apenas 16,3% do total do emprego entre as companhias de capital aberto, e menos de 5% do nível de emprego privado não rural. Nas palavras do coautor René M. Stultz, “altas avaliações podem surgir por muitos motivos diferentes, mas muitos deles nada têm a ver com a atual contribuição [das companhias] para a economia”.

É por isso que o hábito do presidente Donald Trump de equiparar os preços das ações ao bem-estar econômico, embora útil para contas de planos de previdência privada com contribuição do empregado e do empregador [conhecidos como 401k] é tão gritantemente enganoso (10% das famílias detêm 84% das ações).

Como sabem os investidores, a natureza invertida das bolsas de hoje permite concluir que nos últimos anos, as notícias “boas”, como o fortalecimento da economia, muitas vezes foram notícias “ruins” para os preços das ações, que tendem a cair quando há um indício de que os dirigentes do BC vão pôr fim às baixas taxas de juros e à política monetária expansiva. Esse é o principal motivo da alta recorde alcançada pelos atuais preços dos ativos.

É por isso também que Biden está absolutamente certo em dizer que precisamos começar a recompensar “o trabalho, não a riqueza”. Mas slogans são uma coisa, e mudanças do paradigma da economia são outra totalmente diferente. As mudanças que serão necessárias para aprumar o barco dos capitais abertos não são pautadas pelo aperfeiçoamento gradual, e sim sistêmicas. Após mais de quatro décadas o crescimento financiado por meio da política monetária expansiva está esgotado. O que precisamos agora é de um grande estímulo fiscal para enfrentar os próximos meses e anos.

Há também, com muita razão, crescente preocupação com o endividamento. Embora a não aprovação de mais um plano de estímulo de curto prazo tenha mais a ver com a política pré-eleitoral do que com temores autênticos em torno da posição fiscal americana, também é verdade que, pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial, os EUA se aproximam de uma relação nacional dívida sobre PIB de quase 100%.

Tudo bem com isso desde que as taxas de juros permaneçam baixas e o dólar continue sendo a moeda de reserva mundial. Mas não creio que o privilégio do dólar durará para sempre - em parte devido à dissipação da boa vontade e da confiança internacionais causada pelo governo Trump (que, além disso, elevou a dívida nacional de forma mais acelerada do que seu antecessor democrata).

Se o setor público assumir mais dívidas, elas terão de ser dívidas produtivas - em termos ideais, um estímulo fiscal que crie empregos no curto prazo e direcione os investimentos de longo prazo para áreas estratégicas de alto crescimento, como a de tecnologia limpa.

O plano de estímulo fiscal de Biden, de vários trilhões de dólares, que interligaria a mudança climática, a infraestrutura e o investimento em capital humano, tem capacidade para cumprir ambas essas finalidades. Se executado corretamente, ele também não será pautado pelo aperfeiçoamento gradual. Estamos falando de remodelar toda a economia americana, e isso exigirá não apenas uma equipe de tecnocratas dispostos e competentes, mas verdadeiros líderes, com capital político suficiente para impulsionar a mudança.

Isso significa alguém como a senadora de Massachusetts, Elizabeth Warren, no Tesouro, que tem a vontade e a capacidade de reancorar o setor financeiro à economia real, e talvez o ex-prefeito de Nova York, Michael Bloomberg, no Departamento de Comércio, que poderia orquestrar um plano nacional de competitividade para um mundo no qual precisaremos de uma colaboração mais estreita entre empregadores, educadores e trabalhadores.

Biden disse que, se eleito, será um presidente de transição, que atuará como ponte para uma geração mais jovem de dirigentes. Se isso se confirmar, ele não terá nada a perder

em se aferrar à sua visão econômica - e em escolher uma equipe verdadeiramente diversificada para executá-la. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Rana Foroohar é editora especial do Financial Times em Nova York.